



Del 1 al 21 de Marzo de 2015

China today: the unity of opposites Yin e Yang

A China hoje: a unidade dos opostos Yin e Yang

Anabela Santiago

Resumo

This article aims to emphasize the dual character of China's economic, political and diplomatic context. It will highlight the phase of changes that the country is going through and that brings us to one of the best known Chinese philosophies, as well as Confucianism, that's to say, Taoism. This philosophy defends the renewal of all things in cyclical periods that, in fact, have been a permanent aspect of the Middle Kingdom history. Thus, the article wants to lead people to reflect about changes that make part of the cycle that China is living nowadays, now that the country is close to the 12th Five-Year Plan. It aims to show the ambivalence of the postures adopted by the Government, but at the same time, its exemplary way of dealing with this factor and leading Chinese people to be constantly looking for better for themselves and for their country.

Key words: Taoism, international diplomacy, investment

Abstract

Este artigo pretende realçar o carácter dual da China no âmbito económico, político e diplomático. Irá evidenciar a fase de mudança que o país está a atravessar e que nos remete

para uma das filosofias chinesas mais conhecidas a par do Confucionismo, isto é, o Taoismo. Essa corrente defende a renovação de todas as coisas em períodos cíclicos que, de facto, têm sido uma constante na história do Império do Meio. Assim, o artigo pretende levar as pessoas a refletirem sobre as mudanças que compõem o ciclo que a China está a viver atualmente, agora que se está a aproximar do final do seu 12º Plano Quinquenal. Pretende mostrar a ambivalência das posturas adotadas pelo Governo, mas ao mesmo tempo, o modo exemplar como consegue lidar com esse fator e levar os Chineses a estarem constantemente em busca de melhor para eles e para o seu País.

Palavras-chave: Taoismo, diplomacia internacional, investimento

China today: the unity of opposites Yin e Yang

A China hoje: a unidade dos opostos Yin e Yang

Anabela Santiago

Mestre em Estudos Chineses, especialização em Economia e Negócios da China, Universidade de Aveiro

A China é um país de opostos em união. Esta é uma forma muito resumida de definir a situação atual do gigante asiático, mas simultaneamente muito reveladora e acertada.

A China é toda ela um exemplo de Taoismo, uma das várias filosofias abraçadas pelos seus habitantes. O Taoismo pode ser entendido como uma religião ou uma filosofia cujo mestre-fundador terá sido um sábio chamado Lao Tse. A base de suporte às doutrinas do Taoismo é o livro “*Tao Te Tching*” que reúne os ensinamentos do mestre Lao. À letra, “Tao” significa caminho, não só caminho físico, mas também mental. O Taoismo preconiza a total harmonia do ser humano com a natureza, uma adaptação em vez do Homem a tentar dominar e controlar (Kohn, 2001, p. 28).

A filosofia taoista preconiza também a unidade dos opostos, dos seus dois elementos o *Yin* e o *Yang*, que sendo diferentes se complementam e formam o todo (Kohn, 2001, p. 28). É a

representação da polaridade a partir da qual se formou o Universo. Todas as coisas do Universo, toda a matéria, segundo a corrente taoista, contém em si uma energia vital - o *tch'i*.

Yin	Yang
Escureza	Luminosidade
Lua	Sol
Noite	Dia
Descanso	Atividade
Baixo	Alto
Terra	Céu
Direita	Esquerda
Interior	Exterior
Frio	Calor

Figura 1 : Correspondências entre Yin e Yang

Efetivamente, a China revela-nos muitas facetas e é exímia a aceitar a dualidade na vida em geral e nos aspetos da vida económica e política do país em particular. Encontra-se, neste momento em que está prestes a terminar mais um Plano Quinquenal, numa nova fase em termos de desenvolvimento.

Na esfera da política e diplomacia internacional, a China quer manter a descrição que a caracteriza, mas simultaneamente deseja afirmar-se. À medida que apresenta um maior interesse no exterior, a sua diplomacia tende a sentir necessidade de adotar uma estratégia ligeiramente diferente daquela que tem vindo a adotar até agora, devendo demonstrar interesse pelos assuntos que dominam a “arena internacional” e uma maior participação ativa. Impõe-se a necessidade de largar a sua filosofia de não-envolvimento e de optar por uma estratégia de proatividade. Com efeito, o governo Chinês está atento e começou a desenvolver o chamado “*Creative Involvement*” que consiste num maior envolvimento nos assuntos da esfera internacional, impondo as características chinesas no modo de operar e se resolver os problemas externos (Zhou, 2011). Trata-se talvez de um ramo de prolongamento da sua estratégia global de “*Soft Power*”, cujo principal objetivo é a resolução dos conflitos através de “*win-win solutions*” e de ideias inovadoras que respeitem as diferentes culturas e as possam integrar de modo a haver uma convivência harmoniosa no Mundo.

A ajuda internacional é já uma realidade para a China, e ela está apostada em continuar, uma vez que uma percentagem do PIB dos países desenvolvidos é por norma dedicada a esta ajuda,

sendo que a China quer dar o salto e passar de um país de desenvolvimento médio para o estatuto de país desenvolvido.

O gigante asiático não pretende de modo algum ficar retido no chamado “*Middle Income Trap*”. O “*Middle Income Trap*” é uma espécie de armadilha onde podem cair os países que se desenvolvem, na maioria dos casos, apenas à custa de políticas de mão-de-obra barata (OECD, 2013, p.3). Ou seja, ganham muito dinheiro porque conseguem pôr no mercado produtos a preços muito apetecíveis, mas não apostam em mais nenhuma outra vantagem competitiva e, mais tarde ou mais cedo, tendem a ser ultrapassados, não saindo do “nível intermédio”.

Efetivamente, a República Popular da China já teve um crescimento do PIB de dois dígitos em 2010, mas agora situa-se nos 7,5%, próximo do objetivo do Governo. O abrandamento é em parte induzido pelo Estado que estabeleceu um crescimento do PIB de 7% como meta para o plano quinquenal 2010-2015. Isto porque o Governo sabe que tem de lidar com outros problemas que advieram do crescimento económico exponencial que a China teve. Ele já não está apenas dedicado ao crescimento económico, mas sim à criação de estruturas internas de serviços públicos e ao reforço do sistema financeiro. Se a China não ajustar o seu esquema económico agora, mesmo que isso implique uma redução do seu crescimento do PIB, irá pagar um custo elevado mais tarde e estará a braços com um grave problema: um crescimento não sustentável.

A Evolução mais recente (sobretudo na perspetiva chinesa do tempo) mostra o seguinte:

-de 1949 a 1978, a principal preocupação do país era conseguir alimentar a sua população e imperava a lei da “Tigela de Ferro”. A “Tigela de Ferro” era o símbolo de um sistema que vigorava na China da época de Mao Ze Dong e que garantia emprego estável para a vida. Com a passagem de uma economia centralizada em que o Estado controlava as empresas e estas as vidas dos trabalhadores para uma economia aberta, o chamado socialismo de mercado, o sistema da “Tigela de Ferro” foi desaparecendo (Hughes, 2001, p.5).

-de 1978 a 2002, a China preocupou-se em aumentar o rendimento das famílias e o consumo privado. E os números que apresentou ao Mundo foram um verdadeiro milagre. Com efeito, nas últimas 3 décadas, “meio bilião de chineses saiu da pobreza” afirmou Christinne Lagarde, diretora-geral do Fundo Monetário Internacional, no “*China Development Forum 2012*” em

Beijing. Aliás, segundo dados do Banco Mundial, o número de chineses abaixo do limiar de pobreza diminuiu de 490 milhões em 1981 para 88 milhões em 2003.

- de 2002 até agora, a China entrou numa fase de prosperidade moderada. O estado de proteção social está aos poucos a ganhar forma. O Governo chinês apercebeu-se de que esteve muito focado no crescimento económico em detrimento do resto. O desejo de enriquecimento pessoal e os investimentos do foro individual substituíram o investimento no bem comum, mas o Estado está já a tentar criar mecanismos para um crescimento mais sustentável e uma maior igualdade social.

Esta evolução pela qual a China tem passado pode ser comparável ao que nos é transmitido por Abraham Maslow, através da sua pirâmide das necessidades (Maslow, 1987). Com efeito, Maslow que o ser humano tem prioridades quanto aos seus níveis de necessidades e isto pode ser transposto para um país, uma vez que o que constitui maioritariamente um país é a sua população.

Assim, também a China passou da base da pirâmide, pois já tem as suas necessidades básicas satisfeitas (comida, habitação, segurança) para os níveis acima que se prendem com necessidades do foro social e da estima (educação, emprego, bem-estar, valorização pessoal).



Figura 2: Teoria das Necessidades (www.esoterikha.com)

Pode-se portanto dizer que a China tem mudado muito em função da sua evolução económica. Hoje os Chineses pretendem uma passagem das reformas de Deng Xiao Ping para outro

programa económico que ainda não se consegue definir na perfeição. Será uma espécie de miscelânea entre aquilo que o capitalismo de mercado e uma economia liderada pelo Estado têm ambos de melhor, visto que o Mundo comprova que nem um, nem outro funcionaram em absoluto. Quer o “*Beijing Consensus*”, assente em três pilares (Ramo, 2004, p.21) - a inovação institucional, o desenvolvimento sustentável e a auto-determinação - quer o “*Washington Consensus*” baseado no modelo de privatizações, liberalização de mercado e na proteção da propriedade privada (Kuczynski *et* Williamson, 2004, p.285) apresentaram falhas.

Um dado é adquirido, a China quer mudança na renovação, o que constitui mais uma marca de Taoísmo. Quer encontrar soluções para a sua classe de novos-ricos a empobrecer devido à crise financeira de 2008 e não só. Senão, vejamos as duas principais causas do abrandamento da economia chinesa:

1º- Crise internacional, despoletada pela crise dos *sub-prime* que afetou os Estados Unidos da América em 2008 e que afetou as exportações da China,

2º- Travão do Estado relativamente à “economia de bolha” (Leonard, 2012, p.43), tomando consciência de que o crescimento não poderia ficar só assente em cimento e betão e que era necessário refrear o aparecimento das “cidades-fantasma” que foram surgindo na sequência do crescimento desenfreado à custa da construção. Em consequência, as indústrias dependentes desaceleraram (materiais de construção, mobiliário, entre outras).

Para voltar a ter as suas exportações em alta, restariam à China duas opções principais. Uma seria reformular a política de preços e aplicar descontos nos seus produtos, o que não seria muito fácil dadas as já existentes políticas de *anti-dumping* que afetam os produtos chineses. A outra opção passaria por reforçar a posição das empresas chinesas internacionalmente, nomeadamente através de fusões e aquisições com outras empresas. É inegável aliás o investimento gigante que os Chineses já fizeram fora de portas, no caso do investimento em Portugal temos os exemplos que se seguem.

No final de 2011, a *China Three Gorges* comprou cerca de 21,35% da EDP, a elétrica portuguesa. A compra foi resultante de um longo processo de privatização, ao qual concorreram empresas como a Electrobras e a E. ON.

Em Fevereiro de 2012, a *State Grid* comprou 25% da empresa REN (Rede Energética Nacional) e em Janeiro de 2013, a Fosun compra 80% do capital da Caixa Seguros. Esta compra representa cerca de 30% do mercado segurador nacional.

Em Março de 2013, a *Beijing Enterprises Water Group* comprou a Veolia Water Portugal que assegura o abastecimento de água aos concelhos de Valongo, Paredes, Mafra e Ourém, um investimento que ascendeu a 95 milhões de euros. Na mesma data, uma empresa chinesa terá comprado 35% da EDC Mármore do Alentejo por 24 milhões de euros, compra que se destina ao aproveitamento dos escombros das pedreiras para serem aproveitados e transformados em marmorite. 80% da produção será exportada para a China.

Os financiamentos a empresas portuguesas conduziram também à instalação de bancos chineses em Portugal. É o caso do *Industrial and Commercial Bank of China (ICBC)* que se instalou em Lisboa em Fevereiro de 2012, seguido do *Bank of China*.

Isto é apenas o exemplo do investimento chinês em Portugal, mas o mesmo sucede por toda a Europa e pelo Mundo. Na tentativa de conseguir ter uma presença cada vez maior externamente, a República Popular da China está a encetar medidas que permitam a produção de bens de maior valor acrescentado, com uma componente tecnológica e inovadora cada vez maior e mais sofisticada.

Enquanto as suas exportações continuam a diminuir, o Governo cria incentivos para colmatar a diminuição da procura externa e tenta apelar ao consumo interno (Leonard, 2012, p.43).

Em suma, pode-se concluir que a China é um país envolto em dualidades que gere com muita perícia. É uma mescla de opostos que se combinam em termos económicos, políticos e sociais.

A tendência económica para um aumento do consumo interno e para uma menor dependência da procura externa, ao mesmo tempo que, em termos de política internacional, tenta manter um lugar de destaque onde possa expor as suas posições é uma realidade. A procura por uma economia mais baseada na iniciativa privada e no poder da Lei, ao passo que se exige do Estado a criação de estruturas de apoio social ao desemprego, à educação e à velhice é outra realidade.

Estas oposições aparentemente inconciliáveis do ponto de vista da mentalidade europeia são uma constante no universo chinês e são uma marca inegável de Taoísmo, de um modo de pensar que não vê o dia senão por oposição à noite, o calor por oposição ao frio, o positivo sem o negativo e que defende que assim se constroem as coisas, pela sua constante renovação através da unidade dos opostos, do *Yin* e do *Yang*.

Só deste modo, conseguem construir um puzzle com peças que parecem à primeira vista não encaixarem.

Referências bibliográficas

- Hughes, Neil C. (2001), *China's economic challenge : smashing the Iron Rice Bowl*, Armonk, N.Y., M.E. Sharpe
- Kohn, Livia (2001), *Daoism and Chinese Culture*, Three Pines Press
- Kuczynski, P. et Williamson, John (2004), *Depois do Consenso de Washington*, Ed. Saraiva
- Leonard, Mark (2012), *China 3.0*, European Council on Foreign Relations
- Maslow, Abraham M. (1987), *Motivation and Psychology*, 3rd Edition, Longman
- “New Direction for China’s Diplomacy”, acessado em 22/07/2014 através do link <http://china-wire.org/?p=19221>
- OECD (2013), *The People’s Republic Of China, Avoiding The Middle-Income Trap: Policies For Sustained And Inclusive Growth*, OECD Publications
- Ramo, Joshua (2004), *The Beijing Consensus*, Foreign Policy Centre
- Santiago, Anabela (2012), *Cultura Empresarial Chinesa: sua influência nos negócios* (tese pertencente à Universidade de Aveiro)
- Zhou, Wan Yi (2011), *Creative Involvement_A New Direction In China's Diplomacy*, Peking University Press